

**O ensino tradicional de  
História no ensino fundamental  
II: suas consequências no  
aprendizado e possíveis meios  
de enfrentamento da cultura  
tradicionalista de ensino**

*Leonardo Ahmeti*

**7**

O presente relato de experiências reflete acerca de problemáticas centrais no ensino de história no Ensino Fundamental II, mais especificamente, nos sextos anos. Foi baseado em reflexões feitas a partir de um relatório apresentado à disciplina de Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sua função é pensar o problema do ensino tradicional de história, suas consequências no aprendizado e como enfrentá-lo no dia a dia de sala de aula, apesar das dificuldades que a brutal realidade impõe. A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de periferia da cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte. Foi refletido sobre as minhas primeiras impressões no ambiente escolar à época do estágio, depois, pensado algumas questões introdutórias, gerais e fundamentais no tocante ao ofício do professor de História. Adiante, foi analisado etnograficamente as aulas ministradas no estágio e, por fim, realizado algumas retomadas e apontamentos sobre possíveis soluções.

## **O RELATO DAS AULAS MINISTRADAS: DO PLANEJAR AO LECIONAR**

Antes de nossa fase de regência, tivemos uma última discussão na universidade com dois professores. Em conjunto, nosso orientador e professor da disciplina de Estágio Supervisionado com um professor convidado do Ensino Básico, cuja aula foi super esclarecedora, nos possibilitou dar luz frente ao que viria: a regência no Ensino Fundamental II. Nos foi dito que haveria de ser fundamental a realização de uma aula a

partir da fusão dos pressupostos teórico-metodológicos aprendidos na nossa vida, juntamente à prática, para que fosse possível nos tornarmos professores de excelência. O exímio docente é aquele que pode unir, aplicar, adequar e dar inteligibilidade à teoria na prática escolar. Entender sua turma é trabalhar com ela de uma maneira pragmática, sem forçar nenhuma teoria à turma. Outrossim, alertou-nos acerca da importância de se pensar a aula de acordo com a faixa etária da turma, entre outras dicas anotadas e postas em prática, como: fugir do tradicionalismo de encher o quadro para eles copiarem, mesmo sabendo de como achariam “ruim” e estranho não ser desse jeito; pensar em trabalhar com o cotidiano dos alunos trazendo o conhecimento e a “linguagem” falada por eles, suas tradições...; tentar escapar da lógica da operação de pontos ou, pelo menos, negociar bem os pontos das atividades; levantar questões (norteadoras, por exemplo); trabalhar com imagens e problematizá-las; atentar aos conceitos e explicar alguns fundamentais ao entendimento do conteúdo; explicar aos alunos o porquê de estudarem certos assuntos; trabalhar com o livro didático, problematizando-o; desnaturalizar algumas coisas enraizadas; ajudá-los a se orientarem no espaço-tempo, por meio de linhas do tempo e mapas, fugindo, claro, da lógica tradicionalista de se decorar datas e locais; mediar a criação de consciência histórica; entre outras dicas preciosíssimas para o nosso futuro lecionar advindas das nossas discussões.

Para minha primeira e tão aclamada aula que seria ministrada no dia 11/10/22, o desafio era contemplar interesses do presen-

te num passado longínquo, mais especificamente na Grécia Antiga, na sociedade Espartana. O professor, na semana que eu observei a turma, estava trabalhando “Atenas”, assim sendo, eu fiquei incumbido de seguir o conteúdo. De maneira natural, os professores buscam referências para lecionar no que já tiveram na disciplina na universidade. Dessarte, voltei às memórias e aos arquivos da disciplina de História Antiga II. Utilizei-me de alguns de seus materiais, textos e slides. O texto do professor Pedro Paulo Funari sobre os mundos greco-romanos antigos foi utilizado como norte nas discussões. Preparei slides, levei meu computador e minha caixa de som, e pedi ao professor que levasse seu projetor, pois o da escola encontrava-se quebrado. A primeira aula foi para sentir a turma. Trabalhei de maneira expositiva-dialogada. Tentei ir de encontro à metodologia do professor. Por ele, copiava-se no quadro, dava-se um tempo aos alunos para copiarem, explicava-se, passava-se uma atividade para se fixar o conteúdo e “praticar a escrita”, dava-se o visto, e fim de classe. Entrei em sala, trouxe a minha projeção e dialogamos. Devo destacar que eles tinham duas aulas em cada turma, aulas semelhantes e avaliações tradicionais à vista. O professor deixava-me livre, porém, havia uma certa pressão a fazer à sua maneira. Pensamos a sociedade espartana fazendo ligações com o presente, a ideia de disputa de grupos, camadas de oprimidos e opressores. Questões relacionadas à cidadania hoje e no passado, nesse caso, em Esparta. Além de diferenciarmos os modelos de escravidão, momento esse que me deixou intrigado, pois um aluno ci-

tou a escravidão no Brasil. Nessa ocasião, aproveitei para diferenciá-las, coisa que ficou muito sintomática em minhas aulas: a tentativa de trazer o contexto da História do Brasil à cena a fim de comparar e facilitar o entendimento do movimento da História, levando-os a realizar conexões. Trabalhamos também a noção de lutas por direitos. A ideia de que as coisas que achávamos que foram “cedidas” pura e simplesmente por uma camada superior não são bem assim, a História funciona através de lutas por direitos e não por concessões passivas. A liberdade, por exemplo, é alvo de diversas disputas. Ao pensarmos na política Espartana, os alunos surgiram com diversas indagações sobre o presente. “Professor, como funciona hoje?”, “Professor, o que faz um deputado?”, foram duas indagações que recebi. Isso abriu um leque de discussões da política nacional atual. Os Direitos e deveres dos cidadãos, a importância do voto e da fiscalização eleitoral, foram temáticas abordadas. Lembremo-nos que estava havendo o processo eleitoral na época.

Trabalhei bastante a questão política, pois foi uma demanda das turmas, buscamos entender semelhanças e diferenças com o passado. De maneira geral, dialogamos qual era o lugar da mulher nas sociedades greco-romanas; como se dava o trato com o diferente, o estrangeiro, o deficiente; interpretamos mapas, linhas temporais e mudanças do tempo; além de discutirmos sobre a questão das distinções sociais – as divisões e as diferenças do conceito de educação espartana.

Por fim, foi passado alguns vídeos curtos aos alunos como por exemplo, o filme

“300”, com o propósito de ilustrar a rígida educação espartana e as distinções sociais. Alguns espantos foram registrados e algumas comparações feitas com hoje. Os alunos puderam compreender a mudança da função da educação, sobre formar um militar à guerra – formar um cidadão. Desconstruímos a noção de “barbarismo” como conceito de civilização inferior, trouxemos, inclusive, alguns usos desse termo que desmereceram e legitimaram terríveis atrocidades no planeta durante a história. O planejamento seguiu bem e busquei seguir nessa linha, mas com algumas adaptações e experimentações.

Na aula de 18/10/22, tentei fazer uma dinâmica com os alunos. De início, trabalhamos o que chamamos de religião na “Grécia Antiga”, cosmogonia x cosmologia (mito x logos) e os jogos olímpicos. A aula seguiu o modelo de exposição e diálogo através de slides, como planejado. Conversamos sobre a importância da religião para um povo e a necessidade de respeitar a fé dos indivíduos. Com a Grécia partimos para outras religiões atuais, principalmente as politeístas, para que vissem como há certas semelhanças e que o mundo cristão ocidental não era a realidade absoluta. Além disso, desconstruímos a questão de que o mito era tido como mentira aos gregos, mas sim, estava ligado à tradição de contar as histórias através dos relatos. Muitos veem a religião do outro como mentirosa, contudo, esquecem-se que o outro pode estar vendo a sua igualmente, por não acreditar nela. Nesse sentido, busca-se um ponto de convergência que vise o respeito, o que coloco como a fé. O aluno precisa entender que a

fé do outro deve ser respeitada, salvo, claro, quando ataca os direitos fundamentais. Não obstante a essa discussão, trabalhamos a mudança de pensamento na história, do mito ao logos, por exemplo.

Por último, eu expliquei o funcionamento, a importância, a composição, a divisão de “classes” que ocorria e a simbologia, entre outros aspectos, acerca dos jogos olímpicos no passado. Depois, perguntei à turma quem possuía celular e fiz grupos com o intuito de estimular a pesquisa e o aprofundamento da reflexão. A missão era realizar uma comparação dos jogos na Grécia Antiga e os de hoje. Pensar-se-ia a religião, o civismo, a exclusão das mulheres, a paz, as punições, a evolução no tempo e os cidadãos nos jogos. Primeiro, eles deveriam responder a alguns questionamentos, a fim de estimular a criação de um rascunho. Logo em seguida, deveriam criar um pequeno texto que abarcasse o pesquisado, o que discutimos e suas críticas. Contudo, vem um dos maiores inimigos do historiador, o implacável tempo. Além de não dar tempo de eles finalizarem a primeira fase, na outra semana o professor “fez-me” abandonar a ideia, achava assaz difícil aos alunos, aqueles acostumados a copiar e copiar. Enfim, infelizmente, não saiu como esperado nas turmas. Sem contar com uma surpresa “maravilhosa”. De repente, a internet da escola caiu e eu tive de rotear a internet do meu telefone celular e emprestar meus aparelhos eletrônicos.

Na aula seguinte, dia 25/10/22, demos sequência. Fomos da religião ao pensamento racional. De cara, logo um imprevisto. O professor havia esquecido de trazer o

projektor, deixando-me sem chão, de início. Entretanto, o professor deve estar preparado para tudo. Dessarte, fui ao velho quadro, anotei os principais pontos e comecei a explicar. Dialogamos a respeito da Filosofia. Os alunos puderam entender a relevância de se pensar ativamente no dia a dia. Para construir essa consciência histórica, fizemos uma dinâmica com “O mito da Caverna”, de Sócrates, descrito no livro “A República”, de Platão. A dinâmica girou em cima de uma análise do mito através de uma imagem que mostrei a eles. Homens na caverna, acorrentados, vivendo das sombras. Em seguida, uma outra mostrando a saída de um deles à luz. E, por fim, seu triste retorno à caverna atrás de ajudar seus colegas. Eles puderam interpretar e entender os simbolismos dos prisioneiros, da caverna, das sombras e dos ecos, a luz do sol, o retorno do libertado, o libertado, as ferramentas da libertação e até quem queriam ser na história. A alegoria serviu-me para trabalhar a questão do estudo e conhecimento com os alunos. De maneira inteligente e sagaz, puderam entender que a chave da libertação das amarras da ignorância era o conhecimento e, sem ele, seria impossível parar de viver com o que os outros pensavam. Entenderam, outrossim, que se não pensarmos, com certeza, alguém há de pensar por nós e ditar o que devemos fazer e sentir. E, por conseguinte, que eles precisavam pensar e refletir. Eles podem fazê-lo, basta estudar e usar o conhecimento para tal. Bons frutos, eu diria. Se não toquei a maioria com a reflexão, os poucos que pude, fiz algum efeito. Assim, fechamos o mundo grego. Passou-se um bom tempo, após uma miríade de

feriados, avistamos Roma no horizonte.

Em minha penúltima aula, dia 22/11/22 adentramos, a pedido do professor, ao mundo romano. O quadro foi utilizado ao invés do projetor. Anotei alguns tópicos, pedi para que copiassem e, por fim, a pedido do docente, fiz uma atividade. Desta vez, experimentei algo novo, pedi aos alunos que abrissem o livro didático para que pudéssemos explorá-lo. Antes disso, comecei com questões norteadoras com o objetivo de explorar suas mentes, atuar em suas dúvidas, esclarecer algumas incertezas e introduzir o assunto. Discernimos o significado de Roma hoje e no passado. As versões da fundação de Roma, mitológica e histórica, sem claro, menosprezar a primeira, apenas fez-se a ressalva que a primeira estava ligada a uma tradição mais religiosa. Conversamos a respeito da notoriedade de se entender que não há purismos entre os povos, portanto, o ethos de uma civilização é composto de apropriações, ressignificações, adaptações e recriações de outras. Roma, certamente, não fugira a regra, ao contrário, fora uma das civilizações que mais se utilizou das outras para seu engrandecimento. Após esses diálogos, fomos ao livro, explorá-lo. Analisamos imagens atuais de Roma, da sua estrutura, com o puro objetivo de entender que a cidade hoje é produto de um longo processo de mudanças no espaço-tempo. Após esse momento, fomos analisar mapas de Roma, também dentro do livro. Fiz alguns questionamentos sobre o mapa e eles responderam. Queria que eles desenvolvessem a capacidade de analisar mapas, localizando o título, legenda, informações fundamentais, entre outros elementos. Notei uma dificulda-

de, mas, ao passo que realizávamos a análise, eles iam conseguindo identificar melhor. Ao final das aulas, passei às turmas uma atividade a pedido do professor. Requisitei que descrevessem os povos Etruscos e que escrevessem sobre a política em tempos de monarquia romana. Recebi algumas folhas, lembremo-nos que o professor compunha metade da nota deles com um estilo de avaliação “contínua”, por conseguinte, precisava-se dessas atividades em sala.

Na minha última aula, retornei aos slides, por uma questão de estratégia, porque gostaria de trabalhar mais imagens com eles. Trabalhamos mais mapas. E, antes de discutirmos a Res publica romana, eu decidi trazê-los a pensar a república que eles vivem, a brasileira. Comecei perguntando sobre o que eles entendiam por república, fui trabalhando os significados, como funciona no Brasil, o que influencia na vida deles, para depois partir ao passado. Primeiro, levei-os ao Google ao trazer a definição de Res publica. Pedi que lessem para a turma. Em seguida, comentamos, utilizando-se de pequenos anacronismos, as semelhanças e diferenças. Eles compreenderam que se tratava de um regime em que se havia a primazia do povo, dos cidadãos, no caso, eles mesmos. Algo nascido antes de Cristo, na datação ocidental, que vigora até hoje. Puderam vislumbrar que o povo elege, hoje, seus governantes para que possam trabalhar em prol do povo e, não apenas isso, deveriam ser fiscalizados pela população. Ademais, a aula trouxe, novamente, tal como nas de Grécia Antiga, luz sobre as disputas por direitos sociais. Lembro-me de ter feito uma analogia com o que hoje

chamamos de greve, um meio pacífico a se conquistar direitos políticos, só que, feitas as ressalvas de que à época dos plebeus e patrícios as disputas faziam-se pela espada. Como também pude asseverar que os direitos na história são frutos de lutas sociais e não concessões do potentado, sabendo disso, eles conseguiram visualizar que precisariam lutar para conseguir seus direitos e não esperar o poder conceder a eles. A escravidão foi distinguida da implementada na era Moderna. Nesse momento, busquei trazer o exemplo dos portugueses e seu modelo altamente lucrativo de escravidão. Ao discutirmos o governo republicano em Roma Antiga traçamos comparativos com a atribuição do senado no Brasil de 2022 e como atinge a nossa vida suas decisões. As diferenças de uma monarquia para uma república foram comentadas. No afã de provocá-los, trouxe a eles a reflexão: “pessoal, onde estão as mulheres?” Espantados, responderam: “o senhor não falou ainda”. Desse ponto para frente, fizemos uma retomada da Grécia Antiga para voltar à Roma. As mulheres não existiam na política da época, depreenderam. Além disso, fui mais a fundo. Vimos que no Brasil demorou muito tempo para a mulher poder votar e decidir os rumos da nação por conta própria. Antes de irmos à atividade, eu havia visto uma cadeira depredada, logo não poderia deixar passar aquilo, principalmente discutindo uma Res publica que significa ‘coisa pública’. Eu sabia que entender que aquilo que eles depredavam pertencia a eles mesmos era de condição sine qua non, ou seja, indispensável, a viver em um regime de ensino público. A importância da história para se entender

que há de se haver o respeito à coisa pública, fez-se presente, outrossim, entender a importância de patrimônios e sua conservação era fundamental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, ao olhar em retrospecto, desde o primeiro dia de discussões com o professor orientador na universidade, pudemos dar mais sentido ao fazer docente, ao lecionar. Na universidade, com o professor e os colegas, dialogamos: o planejar docente, os saberes fundamentais a lecionar, o que esperar, entender o outro (aluno), quem era o docente, em síntese, o indispensável a atuar numa sala de aula. Tentei como pude ir de encontro ao sistema engendrado para fazer com que o aluno não pense, logo, não exista e não atue na sociedade. O *modus operandi* da metodologia tradicional é atroz, amordaça-nos, prende-nos num ciclo vicioso, por conseguinte, acaba com o aluno e o professor, concomitantemente. Gira em torno do escrever muito no quadro, fazer copiar tudo à exaustão, explicar, passar uma atividade decorativa que os leve a copiar muitas informações sem pensar, receber, passar o visto e, pensar que o aluno deglutiou algo. Ao final do dia, enganam-se a si mesmos. A cultura do “vale ponto?” faz-se presente em todas as atividades, destarte, faz-se apenas se o professor disser sim. A dúvida paira, faltam recursos? Olhando os dados da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), asseverar-se-á que nosso investimento é altíssimo, assim sendo, como não há recursos tecnológicos nas escolas? Fiquemos com a indagação.

O sistema prepara os alunos para servir ao mercado de trabalho, jamais a pensar a realidade em sua volta. O aluno passa a vida escolar copiando do livro e do quadro e, por incrível que pareça, ainda assim, sai sem saber escrever e ler. Eles são máquinas de cópia – resultado – nem sabem história, nem pensar, nem tampouco escrever. Falta-se o trabalho de semear essa cultura do estudo aos alunos, ensiná-los a aprender e a pensar. O problema nasce nos anos anteriores, quando a história precisa competir com as outras disciplinas dos anos do Fundamental I. Falta a História ser mais tratada com o pensar do presente-passado-futuro. A avaliação contínua feita da maneira que foi demonstrada é ininteligível, registre-se. Eu certamente não tive a pretensão de mudar a mentalidade de duas turmas em cinco semanas, seria um ignóbil caso pensasse assim, contudo, tentei contribuir à minha maneira a quebrar de certo modo o modelo em voga. Busquei jamais cercear o direito à dúvida do aluno. Sempre trabalhei em cima de suas indagações, questionamentos, levantamentos e dúvidas.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Crislane B. **Planejamento docente na aula de História:** princípios e procedimentos teórico-metodológicos. Revista Metáfora Educacional. Feira de Santana, n. 14, p. 3-28, jan/jun. 2013.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Professores iniciantes ensinando História:** dilemas de aula e desafios da formação. Revista História Hoje, v. 2, nº 3, p. 87-107, 2013.

FERREIRA, Inês Assunção de Castro. **Da condição docente:** primeiras aproximações teóricas. Educação e Sociedade, v. 28, p. 426-443, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica:** teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.